



Documentário Asilo: Onde estarão suas famílias?

Carlos MACEDO¹,
Jerônimo PIRES¹
Letícia KIRALY¹
Mauro BORGES¹
Chico GARCIA¹
Paulo FINGER²
Valéria DELUCA²
Maria MELÃO²

Centro Universitário Metodista IPA, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

RESUMO

O descaso aos idosos é um tema denso, triste, e cada vez mais presente na sociedade atual. A desvalorização da terceira idade é um fato encoberto para não ser lembrado. Em vista disso, o Documentário Asilo busca uma reflexão do problema, através do cotidiano e depoimentos sobre o passado, o presente, o futuro e a inevitável solidão de moradores de um asilo em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Hermínio Costa D' Andréa, 84 anos, jornalista e “poeta”. Gibraíl dos Santos, 65 anos e “aprendiz de músico”. Marieta Augusta Garcez, 80 anos, uma “artista”. Por que esses idosos cheios de vida e talento foram morar num asilo? Onde estarão suas famílias? Os ponteiros do relógio não param. O tempo passa. Nos próximos anos eles estarão sozinhos. Amparados por desconhecidos.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; ética; cidadania; realidade; idosos.

¹ Alunos de graduação do curso de Jornalismo do Centro Universitário Metodista IPA e da disciplina Projeto Experimental V – Áudio e Vídeo, 2008/2.

² Professores do curso Jornalismo do Centro Universitário Metodista IPA, orientadores do Projeto de Documentário/ Projeto Experimental V – Áudio e Vídeo, 2008/2.



INTRODUÇÃO

Os idosos são hoje 14,5 milhões de pessoas, ou seja, 8,6% da população total do País (IBGE). Logo, a sociedade civil brasileira tem papel fundamental na reivindicação dos direitos sociais, na construção e na efetivação de ações voltadas à população idosa. Mesmo assim, há idosos que estão no limiar do abandono.

Buscamos assim, por meio do documentário, a reflexão ética do problema. A abordagem principal é trazer ao público como é a vida destas pessoas esquecidas pelo mundo. Mostrar que a idade é fator indiferente quando se trata de vontade de viver, adicionada à colaboração da solidariedade. No enfoque polêmico, objetivamos levantar a discussão sobre o abandono familiar, buscando uma idealizada conscientização.

Toda esta jornada será ilustrada com declarações saudosistas, mas também dolorosas, sobre as histórias do passado, observando que, por trás de uma voz triste e cansada, se esconde muita sabedoria e cidadania.

OBJETIVO

A história de três idosos é marcada pela dor do passado e pela busca de um “um refúgio inviolável”. A intenção é contar como eles chegaram ao asilo. O que eles sentem do passado, do presente e do futuro. O que eles fazem, dia a dia, para desacelerar o tempo e encontrar momentos de prazer, alegria e carinho? Eis a mensagem: O que estamos fazendo com nossos idosos? Esta é a reflexão que buscamos através do documentário. Então, esperamos tocar a consciência daqueles que têm idosos na família, e talvez não lhes dêem amor e respeito.

JUSTIFICATIVA

É conhecimento geral a maneira fria e desumana como a sociedade trata quem ou aquilo que não mais lhe interessa. Na História antiga anciãos recebiam todo respeito e devoção de seu grupo social que baseava todas suas ações na reflexão e decisão dos experientes sábios. Nas sociedades contemporâneas, individualizadas e indiferentes devido ao latente vazio existencial, o idoso é tratado como fardo, como peça inútil e desnecessária de um sistema falho. A distorção dos valores morais, que inicia na educação familiar, está desenfreada.

Assim, o documentário trata de uma questão perturbadora, extremamente presente em nosso cotidiano e pertinente ao público em geral, de crianças a adultos, buscando levantar a reflexão: O que estamos fazendo com nossos idosos? Acreditamos que a melhor maneira de questionar as pessoas é fazê-los ver, ouvir e sentir o a história de idosos que não estão mais juntos às suas famílias. Portanto, escolhemos documentar a vida dentro de um asilo.



No entanto, não optamos em abordar o lado “sem vida” de um lar para idosos: a obviedade das enfermarias lotadas e olhares notoriamente solitários. O desafio é desvendar os aparentes sorrisos, a dor escondida e a saudade disfarçada.

METODOLOGIA

A imagem é o instrumento que mais aproxima o público da realidade. A forma objetiva, porém cuidadosa, pela qual pretendemos realizar este documentário é o caminho que se mostra mais eficaz para a divulgação da questão. No documentário usamos o referencial teórico do autor Bill Nichols, proveniente de sua obra *Introdução ao Documentário*, onde ele aborda a teoria e prática sobre todas as formas de realizar um documentário.

Segundo Nichols, existem seis tipos de documentário, seis linguagens diferentes para transmitir a característica da proposta. Neste trabalho, optaremos pelo *modo reflexivo*. Dentro dele veremos elementos de outros modos, como observativo e expositivo, mas o condutor principal é o teor de reflexão que buscamos passar.

Com isso, o documentário instiga a capacidade de percepção do espectador, fazendo-o questionar-se a realidade vivida por idosos. É uma forma de lembrar como a sociedade realmente funciona, às vezes de maneira chocante. É este nosso objetivo: lembrar aos espectadores de um assunto do qual muitos já têm ciência, mas deixam cair no esquecimento. Tocar na ferida, causar impacto, objetivando extrair de nossa ação, alguma reação.

DESCRIÇÃO DO OBJETO

Os depoimentos e as lembranças de idosos de um asilo é que conduzem o documentário. Através deles, se desvenda a efemeridade. O tempo que já passou para os idosos se transpõe a quem assiste o documentário. As histórias pessoais, tristezas, saudades, até insanidades, refletem uma realidade evitada, talvez pela sua inevitabilidade. Com o depoimento dos cases escolhidos mostramos como os idosos encaram o abandono familiar.

Hermínio Costa D' Andréa → 84 anos e morador do lar desde 2004, quando perdeu sua esposa. É jornalista, poeta e responsável pelo jornal do asilo. Em seu quarto, ou escritório, como prefere chamar, encontramos um computador, recortes de jornais - com matérias sobre ele e suas críticas aos políticos. Já foi candidato a vereador e dono de jornal. “*Vim para o asilo para me asilar*”. Refere-se ao passado com mágoa, afirmando que foi esquecido no momento que mais necessitou, por uma sociedade que ajudou a crescer.

Gibrail dos Santos (Giba) → 65 anos, e “aprendiz de músico”, como ele mesmo diz. Giba chegou ao asilo depois de uma série de perdas causadas fundamentalmente pelo alcoolismo. *“Aqui no asilo eu sou feliz. Tenho muito mais atividades do que se eu estivesse ‘lá fora’”*. O Sr. Gibrail participa do Sarau do asilo (onde ele canta para os moradores), da Roda de Chimarão (uma espécie de baile) e de quantos “eventos artísticos” puder participar. Ele poderia ter sido muito mais que um “aprendiz de cantor” (conta que já esteve com o sambista e compositor João Nogueira), mas não foi. Ficou sem família, sem trabalho. O asilo é a fuga do mundo *“lá fora”*.

Marieta Augusta Garcez → 80 anos, *“certinho”*. Uma das personagens mais carismáticas e cativantes do asilo. Sempre carinhosa, pronunciando suas rimas românticas e divertidas, além das belas melodias que entoa. Marieta era doméstica de famílias tradicionais gaúchas. Quando a idade chegou, impossibilitando-a de cumprir tarefas braçais, ela foi abandonada. Localizada por outro antigo patrão, foi encaminhada ao asilo.

Sr. Hermínio





Sr. Gibrail



Sra. Marieta





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas (SP): Ed.Papirus, 2005.